

O presidente e seu novo estilo

O presidente João Figueiredo inaugurou na noite de ontem novo estilo de comunicação revelando ao país, através de rede nacional de rádio e televisão, as propostas a ele levadas e rejeitadas. O presidente da República utilizou sem rodeios os verbos repelir, rejeitar e afastar, referindo-se a propostas de elevação de alíquotas de contribuição previdenciária, redução da idade de aposentadoria e a supressão do salário família, do auxílio natalidade e do auxílio funeral.

A revelação pública do presidente Figueiredo pode ser entendida como algo aproximado a uma censura pública aos autores das propostas, que são ministros de seu governo. Mas, também, pode ter outra leitura: o chefe do governo, pela primeira vez, coloca à curiosidade pública as pressões a que é submetido e revela sua capacidade de a elas reagir. Agindo assim, o presidente ficou a vontade para anunciar as medidas para a "alarmante crise financeira" da Previdência Social.

A nova política de comunicação social adotada pelo presidente da República resulta, também, em que passa a comandar o espetáculo político nacional, sem dúvida, o general João Figueiredo. Os interlocutores, sejam políticos econômicos ou sociais passaram a ter reduzido espaço de manobra e a atuar dentro dos limites traçados pela equipe presidencial. O governo, na realidade, busca maior coesão no desempenhar de sua tarefa e tende a colocar o presidente em posição de absoluta relevância diante da Nação.

A preocupação com a manutenção do sigilo, que caracterizou a gravação do vídeo-tape que ontem foi ao ar, demonstra que os tempos estão mudando na política de contatos do presidente da República com o país. Não ocorreram vazamentos mesmo porque a Assessoria presidencial preocupou-se em fazer a gravação nas instalações da Escola do Serviço Nacional de Informações. A cautela em guardar a fala do presidente da República contra eventuais vazamentos demonstra a preocupação em que o discurso não fosse atravessado por notícias antecipadas.

Tudo isto mostra que o presidente da República caminha no sentido de modificar sua imagem e sua presença no noticiário. Um político graduado do PDS comentou há alguns dias, saindo do gabinete do ministro Leitão de Abreu, a nova situação: "Quem manda é o presidente da República. Figueiredo é, agora, o coordenador da política e da economia. Ninguém deve enganar-se a este respeito".

COMÉRCIO EXTERIOR

Neste ano, pela primeira vez em muito tempo, o comércio brasileiro com a União Soviética — que alcançará algo em torno de 700 milhões de dólares — ultrapassará as cifras das relações de troca com a Polónia. A modificação de posições é sintomática e demonstra o apetite com que os soviéticos vem se lançando em seus contatos com a América do Sul.

A União Soviética conseguiu que seu comércio com a Argentina atingisse a soma de três bilhões de dólares, através de negócios construídos a partir da compra da soja para seu enorme mercado. Em contrapartida, os argentinos entregaram aos soviéticos o estudo de viabilidade de hidrelétricas no médio Paraná, num investimento que, isolado, alcançou dois bilhões de dólares.

Esta situação cria embaraços curiosos. Os soviéticos expandiram seu comércio com os dois maiores países sul-americanos e não enxergam inconvenientes na política brasileira de integração com os países do Terceiro Mundo. Neste ano, aliás, pela primeira vez, o comércio do Brasil com os países em desenvolvimento será estatisticamente maior que o fluxo de trocas com os Estados Unidos. Nos círculos próximos ao governo de Washington começam, agora, a surgir argentinistas, novo modismo norte-americano com intensidade semelhante à que nos anos setenta intelectuais naquele país estudaram a história e política brasileira.

A expansão dos contatos comerciais com o leste europeu acrescenta complexidade ainda maior à política externa brasileira que deixa de ser guiada pela bipolaridade mundial e busca maior autonomia na defesa de seus interesses. E os interesses nacionais começam a surgir onde a teoria clássica menos espera. Subitamente surge a oportunidade viável, do ponto de vista da Economia, de maior intercâmbio com o leste, o que pode ser politicamente difícil, mas pragmaticamente recomendável.

André Gustavo Stumpf